

Paulo Nazareth: um craque no meio do campo

Roberto Conduru

A materialidade trivial, por vezes ordinária, um tanto precária, aparentemente improvisada e algo estetizada que caracteriza o trabalho de Paulo Nazareth remete às condições de vida de grupos subalternos no Brasil, assim como em outros contextos da diáspora africana e na África.

Como alguns artistas afrodescendentes no Brasil – eu penso em Seu Gabriel (Gabriel Joaquim dos Santos), Arthur Bispo do Rosário e Nêgo (Geraldo Simplício) – Nazareth produz suas obras com o que encontra ao seu redor: a arte, como o mundo, começa a seus pés. Mas, diferentemente desses artistas, cada qual circunscrito a um lugar, a certos materiais e modos de fazer, Nazareth manipula artefatos bem diversos de diferentes maneiras e atua sem aparentes limitações espaciais. Ele transita por um território bem maior que a *Casa da Flor* que Seu Gabriel construiu com cacos de louça a partir de um sonho, que o hospício no qual Arthur Bispo do Rosário constituiu um universo outro para si com coisas que estavam à mão, que o *Jardim do Nêgo* que Geraldo Simplício vem modelando com terra e limo à sua volta. É amplo o campo de ação de Nazareth, afinal, como é dito em seu livro, ele “vive e trabalha ao redor do mundo”.¹ Entretanto, ele me parece próximo de Seu Gabriel, de Arthur Bispo do Rosário e de Nêgo menos pela materialidade precária que garimpa em escala global e mais por constituir sua subjetividade poética reinventando seu imaginário com o que coleta e maneja ao deambular estrada afora.

Embora suas obras pareçam resultar natural, consequente e tranquilamente de seu existir, elas são artifícios. Em meio ao viver, ele as pensa e fabrica; ao elaborá-las, vive. Com certeza, há continuidade, mas também brechas, escolhas, descontrolo consciente, mediações, direcionamentos. Se valendo da virtual indeterminação da linguagem artística na conjuntura atual, Nazareth transita com razoável desenvoltura em meio às linguagens, aos modos vigentes de fazer e expor arte. Ele engaja o próprio corpo, se apropria de coisas que aparecem no seu caminho e as rearticula como imagens, artefatos e ambientes. É andarilho como alguns, colecionador como outros, instalador multimídia como muitos.

Nazareth é mais um que procura articular, entrelaçar, quase fundir arte e vida. Gideon Lewis-Krauss já disse que, invertendo a maioria das performances artísticas, “what Nazareth’s does, ingeniously, is present itself as play disguised as work” (2019). Porém, assim como envolve sua vida em seu jogo com os demais agentes do campo artístico, ele faz desse jogo um modo de viver. Com certeza, as caminhadas nas quais, a partir do Brasil, alcançou os EUA percorrendo a América Latina e chegou à Europa passando pela África são ações que almejam subverter hegemonias e centralidades colonialistas. Mas estes projetos artísticos são, ao mesmo tempo, modos de conhecer e cultivar suas ancestralidades ameríndia, africana e europeia, enredando histórias pessoais e coletivas à história da humanidade.

1 “Biografia”, in *Paulo Nazareth* 2012.



III. 1. Paulo Nazareth, vista de instalação, *Beyond the Black Atlantic* exposição Hannover Kunstverein 2020. Photography by Raimund Zakowski © Kunstverein Hannover

Quando ele diz que sua formação em arte começou na infância, no ambiente familiar e comunitário, não parece querer se afirmar como um autodidata, como são apresentados Heitor dos Prazeres, Maria Lira e Eustáquio Neves, entre outros artistas afrodescendentes. Nazareth não omite que, como ocorreu com Agnaldo Manoel dos Santos, Abdias do Nascimento e Jorge dos Anjos em circunstâncias distintas, foi importante o aprendizado na interlocução com outros artistas; em seu caso, com Mestre Orlando, artista plástico, e Tião Vieira, do teatro de bonecos. Ou que, como nas trajetórias de Estevão Silva, Arthur Timóteo da Costa e Rubem Valentim, antes, de Ayrson Heráclito, Rommulo Vieira Conceição e Rosana Paulino, recentemente, o ensino artístico institucionalizado é parte incontornável de seu caminho, mais especificamente os estudos de Artes Visuais e Linguística na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte.² Mais do que sublinhar como sua formação em arte tem se dado em contextos variados – de modos menos ou mais formalizados, inserido, conectado ou fora de instituições culturais –, interessa ressaltar a amplitude e a heterogeneidade desse processo formativo e, sobretudo, sua dimensão existencial.

Portanto, não surpreende sua consciência dos limites e desafios enfrentados na arte contemporaneamente. Em um de seus primeiros trabalhos, *Uma história das Américas [Eu vou fazer de mim um artista pop] [conceitual, (contemporâneo)]*, de 2005, Nazareth já explicitara um plano de intervenção a partir dos marcos da arte Pop e do conceitualismo, distante de utopias e ingenuidades. Também não espanta que ele se valha da estrutura e do suporte oferecidos por uma galeria multinacional como a Mendes Wood, com a qual colabora desde 2011, e por outras instituições, para empreender suas venturosas ações. Nem que revele tanto entender o convencionalismo da arte, quanto acreditar que o instante poético possa acontecer em situações saturadas, banais ou mesmo degradadas, como na série *AQUI É ARTE – PANFLETO*.

2 Sobre o processo formativo de Paulo Nazareth, ver: "Biografia", in Nazareth 2012, e Nazareth 2019.

O que não atenua seu engajamento em algumas causas, mas, ao contrário, potencializa sua participação nas lutas contra o racismo, o colonialismo e a desigualdade social, entre outras.

Nazareth enfrenta de modo direto a persistente atração pelo exótico primitivo no sistema de arte, a ânsia por impurezas potentes nas margens mais ou menos distantes dos centros hegemônicos. Muitas vezes, o faz com ironia, como na intervenção *Banana Market / Art Market*, realizada em 2011 na feira Art Basel Miami Beach: em meio a uma instalação na qual se destacava uma Kombi Volkswagen carregada com pencas de bananas, ele se exibiu segurando uma placa com a inscrição "My image of exotic man for sale". Ele também esmiúça as profundas contradições inerentes ao gosto pelo exótico, como quando diz, ao escrever sobre Sonia Gomes, que "o olho que não eh gente eh o olho que se nega a enxergar o outro" (Nazareth 2017: 119).

Como Antonio Obá, Jaime Lauriano e Priscila Rezende, entre outros artistas afrodescendentes atuantes a partir do Brasil hoje, Nazareth luta contra o racismo embaçando o ambiente, tornando opaco o que se queria transparente e até inexistente, fazendo ver como o racismo é estrutural e ajuda a engendrar as desigualdades da sociedade brasileira e para além dela.

Mas Nazareth participa dessa luta investindo além da polarização entre negro e branco, cada vez mais dominante no debate. Corporalmente, ele insiste em ser negro e, com seu trabalho, afirma o poder negro. Mas desde seu nome profissional, que associa o *Paulo* de nascença ao *Nazareth* que adotou de sua avó materna – "mestiça", "afro-indígena", "bugre", "uma mulher de um lugar indefinido" –, ele destila sua experiência de vida "no meio do caminho", pois entende que "a arte contemporânea é a própria construção desse lugar" (Nazareth 2019: 20-23). Ele já disse: "Em minha mestiçagem me faço / Estou indígena e negro / É incrível".³ E chegou a apresentar Minas Gerais, o estado no qual nasceu, como o "centro mestizo brasileiro".⁴ Contudo, se ele enfatiza sua ascendência africana como parte de uma vivência multiétnica não é para fazer o elogio da mestiçagem. Nazareth explora efeitos visuais, linguísticos e corpóreos da miscigenação justamente para questionar as marcações de identidades e suas deletérias consequências sociais. Em imagens fotográficas como as da série *What is the color of my skin? / Qual é a cor da minha pele*, de 2013, nas quais posa ao lado de pessoas com tons de pele mais escuros que o da sua, como os artistas Carlos Martiel e Moisés Patrício, Nazareth atíça, para reverter, os perversos jogos de discriminação social a partir das gradações cromáticas das epidermes.

Ele disse: "Não sou negro, nem índio, nem branco... (...) branco para ser negro.... e negro para ser branco. Isso não é mal, tenho me transformado... sendo o mesmo".⁵ Como as coisas que encontra, das quais se apropria, manipula e transpõe ao mundo da arte, ele se transforma, com elas e nas relações com outrem no mundo da arte e além dele. Nazareth faz dos jogos da arte uma brincadeira séria, com a qual parece se divertir e até mesmo se encantar. Como um jogador ciente que o fute-

3 Paulo Nazareth apud Kiki Mazzucchelli. "Sobre marfins", 2012.

4 Paulo Nazareth "Possíveis anedotas.." 2012.

5 Paulo Nazareth apud Janaina Melo, "Conversas", 2012.

bol é um negócio global atualmente, mas que, quando está em campo, mesmo sabendo das implicações em jogo, tenta prazerosamente brincar.

A menção ao futebol faz pensar na palavra craque. Em português, craque é um substantivo que designa alguém exímio no que sabe ou faz, sendo usado largamente no meio futebolístico. Mas craque é também uma interjeição que ressoa quebra, rachadura, rompimento. Encantador, envolvente, Paulo Nazareth é um craque que, assim como muitos jogadores de futebol brasileiros, a partir de um contexto periférico, à margem, alcançou o centro. É também um artista que, com seu trabalho, de modo tranquilo, bem-humorado, quase dócil e aparentemente inofensivo, instaura uma ruptura crítica no meio do campo.

Referências

Lewis-Kraus, Gideon, "The Walker", *Frieze*, nº 170, April 2015. <https://frieze.com/article/walker> (consultado em 10 dezembro 2019).

Kiki Mazzucchelli, "Sobre marfins, dentes e ossos: uma breve introdução ao trabalho de Paulo Nazareth", in Paulo Nazareth. *Paulo Nazareth: arte contemporânea/LTDA*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2012

Melo, Janaina, "Conversas e caminhos de viagem", in *Paulo Nazareth*. 2012.

Nazareth, Paulo, "Biografia", in *Paulo Nazareth* 2012.

Paulo Nazareth, "Possíveis anedotas de um artista em deambulância", in *Paulo Nazareth* 2012.

Paulo Nazareth, "As mãos negras contra o olho que não eh gente", in Ricardo Sardenberg. *Sonia Gomes*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2017.

Paulo Nazareth, Entrevista, in *Arte & Ensaios*. Rio de Janeiro, nº 38, julho 2019: 8-47.